

NEWTON DA COSTA, LEÔNIDAS HEGENBERG E A GÊNESE DOS ESTUDOS DE LÓGICA E TEORIA DA CIÊNCIA NO BRASIL¹

Rogério Monteiro de Siqueira
Daniela Maria Ferreira

RESUMO

Por meio da análise das obras, de entrevistas e cartas trocadas por Newton Affonso Carneiro da Costa e Leônidas Helmuth Baebler Hegenberg, importantes atores na institucionalização dos estudos de lógica no Brasil, nas décadas de 50 e 60, analisamos como se deu a introdução das temáticas do Círculo de Viena no Brasil. Tais análises, ainda em andamento, estão relacionadas aos estudos, desenvolvidos pelos autores, sobre a profissionalização do espaço acadêmico brasileiro, especialmente os campos da matemática e da filosofia.

PALAVRAS-CHAVE

Newton da Costa. Leônidas Hegenberg. Círculo de Viena. História da Lógica no Brasil. Sociologia dos Intelectuais.

ABSTRACT

We analyze the introduction of the Wien Circle subjects in Brazil by through the works, interviews and correspondences of Newton Affonso Carneiro da Costa and Leônidas Helmuth Baebler Hegenberg, important actors in the institutionalization of the logic studies in Brazil in the decades of fifties and sixties. These analysis still in progress are concerned with the professionalization of the Brazilian academic space, specially both the mathematical and philosophical fields, in the period.

KEYWORDS

Newton da Costa. Leônidas Hegenberg. Vienna Circle. History of Logic in Brazil. Sociology of intellectuals.

1 Introdução

Desde o começo dos anos 1950 pode-se perceber, com bastante clareza, a presença de um grupo de estudiosos da Filosofia da Ciência, Lógica e Epistemologia no campo intelectual brasileiro (SIQUEIRA, 2010; FERREIRA, 2010). Esta presença se deu, inicialmente, pela atuação simultânea destes intelectuais em congressos, periódicos e instituições tanto de Filosofia quanto de Matemática. As trajetórias de vida de Leônidas Hegenberg e Newton Carneiro Affonso da Costa são dois casos bastante representativos deste fenômeno. O primeiro, reconhecido como um dos principais tradutores de textos da Lógica e Filosofia da Ciência no Brasil, e o segundo, conhecido como o fundador da Lógica Paraconsistente, iniciaram suas carreiras intelectuais publicando, ministrando cursos e divulgando seus trabalhos nestas duas áreas.

No começo dos anos 1960, por exemplo, Hegenberg e Costa iniciam uma série de investimentos no intuito de construir uma trajetória internacional. O primeiro, após ter realizado seus estudos universitários em Física e Filosofia, cursará uma especialização por dois anos em Berkeley, na Universidade da Califórnia, famoso centro de Lógica e Epistemologia nos Estados Unidos. Enquanto Costa, já formado em engenharia e livre docente em matemática, inicia a publicação de uma série de artigos no jornal francês *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, principalmente por intermédio do lógico francês Marcel Guillaume. Apesar destes feitos,

as correspondências trocadas por eles, entre 1960 e 1964, indicam grande desconforto com a situação da Lógica estudada no Brasil e com o espaço exíguo ocupado por ela nas instituições de ensino superior.

Partindo de uma análise comparada de suas carreiras e produções intelectuais, veremos analisar como se deu a institucionalização e o reconhecimento institucional dessa área de pesquisa no Brasil. Este seria o primeiro passo para executar uma tarefa de maior fôlego: compreender como se deu a recepção e a retradução, no campo científico brasileiro, dos métodos analíticos implementados pelos intelectuais do Círculo de Viena.

2 A implantação da Universidade de São Paulo e os primeiros cursos universitários no Brasil

No Brasil, o estudo da filosofia e seu ensino se constituíram em torno do ensino das ciências jurídicas e da formação religiosa. No que diz respeito às ciências jurídicas, a função da filosofia nas Faculdades de Direito era pensar a organização do Estado, pois nestas se formavam os quadros administrativos, legislativos e da diplomacia brasileira. Nas escolas e seminários católicos, o ensino da filosofia contribuía para a reflexão dos membros da Igreja frente às transformações históricas (CASALI, 1995).² Dessa maneira, até 1950, década em que as primeiras turmas de professores universitários de filosofia se formaram, essa disciplina foi considerada completamente subordinada aos em-

1. Parte deste trabalho foi apresentado no VIII Esocyt 2010, em Buenos Aires, Argentina, e no Colloque international "Les parcours sociaux entre nouvelles contraintes et affirmation du sujet", 2010, em Le Mans, França.

2. Sobre esse aspecto, o livro de Casali esclarece que algumas esferas da Igreja Católica não pouparam esforços, principalmente com ajuda de jesuítas, para a criação de centros de estudos e universidades.

bates da luta política, quer cívica, quer religiosa. A criação da primeira universidade do país, a Universidade de São Paulo (USP), e do primeiro curso universitário de filosofia aconteceu em 1934.³ Para isso, a vinda de uma missão francesa foi fundamental em sua implantação.

Num espaço de vinte anos, de 1934 até 1954, a função do filósofo foi completamente transformada pela imposição das normas do universo profissionalizado. Tal imposição, conforme Fabiani (1988)⁴, exige, de forma generalizada, uma formação específica e profissionalizada do filósofo, organizada em torno de diversos rituais, entre eles, concursos e defesas de teses anuais. A formação específica em filosofia passou a ser reivindicada pelos novos profissionais como condição essencial de apreensão e transmissão dos novos métodos e modelos filosóficos, sobretudo quando a presença dos mestres franceses passou a se dar de forma contínua e intensa, como parece ter sido o caso do professor Gilles Gaston Granger, responsável pela formação de turmas inteiras de estudantes de filosofia. Essa presença francesa, como bem observou Marcos Nobre, foi o que possibilitou a consolidação do que viria a ser o Curso de Filosofia na USP, ao menos para as décadas de 1950 e 1960, período em que o exercício da filosofia adotou a exegese dos textos clássicos da história da filosofia a investiga-

ções concretas sobre as tendências recentes da matemática e da física.

Até o final dos anos de 1970, o ensino e a produção da filosofia no meio universitário encontraram dificuldades de diferentes ordens para se impor. As resistências e as divergências vividas entre as gerações de filósofos sem formação e titulação especializada em filosofia e os filósofos formados na então FFCL da USP, detentores de um título especializado, exemplificam a mudança que a formação universitária em filosofia trouxe para o universo dessa produção.

Uma das reações mais fervorosas contra a proliferação de uma formação especializada veio do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), criado em 1949 pelo professor Miguel Reale, da antiga Faculdade de Direito da mesma Universidade. Essa reação, transformada em querela, pode ser acompanhada através dos artigos publicados na Revista Brasileira de Filosofia, criada por esse mesmo professor no IBF, e nos Anais dos congressos organizados por esse Instituto. No primeiro Congresso, por exemplo, realizado em 1950, um ano após a criação do IBF, o professor Reale justificou a criação do Instituto fora da Universidade, alegando que:

[...] em todo país civilizado e cultivado, existem institutos como o IBF, que reúne pessoas formadas ou não em filosofia, pessoas com títulos ou não, diplomas e títulos, cujo único

3. Embora a primeira universidade criada no Brasil tenha sido a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920, do ponto de vista legal e da produção acadêmica ela só passou a funcionar em 1937.

4. O termo profissionalização foi adotado a partir de Fabiani (1988), que descreve as transformações do campo de produção filosófica no final do século XIX na França. A profissionalização é considerada contemporânea ao desenvolvimento do sistema de ensino republicano e do crescimento dos professores no campo intelectual. O mesmo termo, profissionalização, foi utilizado por Noiriel (1990a, p. 59), em seu artigo sobre a constituição do *métier* de historiador na França. Ele considera que foram os historiadores nas universidades que impuseram o conjunto de regras necessárias para o *métier* e cujo único meio de aprendê-las seria pela aquisição de uma formação específica.

título, ou melhor, o principal título é o de um verdadeiro, sincero e autêntico interesse pelas coisas da filosofia.⁵

De acordo com Bento Prado Júnior, formado na USP e ex-aluno do professor José Arthur Giannotti, era preciso tornar mais conhecida a produção e as atuações do grupo de filósofos da universidade. Para isso:

[...] em 1958, o Cruz Costa decidiu que o Departamento de Filosofia deveria sair de dentro do seu casulo e participar dos congressos promovidos fora da universidade. Então, fomos convidados a participar (dos congressos do IBF), como representantes do Departamento: Granger, que estava de passagem pelo Brasil, Giannotti e eu, que apresentei o resumo de um trabalho de aproveitamento feito para o curso sobre Hegel de Lívio Teixeira.⁶

No caso da matemática, a criação da USP também provocou mudanças significativas nas práticas matemáticas e na sua institucionalização. Até o final dos anos 1950, muitos intelectuais interessados em se especializar em matemática tinham passado pelas escolas de engenharia brasileiras. Pode-se obser-

var uma forte migração de engenheiros para as matemáticas. Dinâmica que foi aos poucos sendo modificada à medida que as primeiras gerações de matemáticos foram sendo formadas, sobretudo nos anos 1960.

É neste período que Da Costa e Hegenberg investiram fortemente na construção de suas carreiras intelectuais, um momento em que tanto o campo da filosofia quanto da matemática não estavam totalmente autônomos. As condições de entrada e as regras de funcionamento desses dois espaços de saber não estavam bem definidas.

3 Logicistas: Entre Filosofia e Matemática

Newton Carneiro Affonso da Costa nasceu em 1929, na cidade de Curitiba, sul do Brasil. Seu avô e seu tio eram médicos que lecionavam medicina na Universidade do Paraná, e sua mãe e tia eram professoras de francês e inglês, respectivamente. Foi por meio de sua mãe, que era “uma grande admiradora de Freud”⁷ e de Bertrand Russell⁸, e de seu tio Milton Carneiro, que Newton da Costa entrou em contato, já aos quinze anos, com a obra de Russell, Poincaré, Quine.

5. Ver *Anais do I Congresso Nacional de Filosofia* (Reale, 1950, p.18).

6. Ver entrevista de Bento Prado Júnior em Nobre e Rego (2000, p.207).

7. Em entrevista concedida a Marcio Peter de Souza Leite, publicada em *Revirão*, número 3, Rio de Janeiro, 1985.

8. Entrevista de Newton da Costa concedida ao Projeto História Oral, CLE-UNICAMP, 1991. Disponível em: http://www.cle.unicamp.br/arquivoshistoricos/?destino=av_depoimentos_historal.html

Ilustração 1

Primeira Semana Brasileira de Filosofia. Newton da Costa é o segundo, da direita para a esquerda, e Miguel Reale é o quinto. (Fonte: Arquivos Históricos CLE, UNICAMP)



Por volta dos anos 1940, o acesso e a popularidade das obras de divulgação científica desses intelectuais pode ser constatado pela presença de suas traduções para o português. Os livros *O Valor da Ciência* e *Últimos pensamentos de Poincaré*, por exemplo, foram vertidos ao português pela editora Garnier em 1924, enquanto que os de Bertrand Russell, *Poder* (uma análise social) e *Educação e Vida Perfeita*, foram traduzidos em 1941 e 1945 pela Livraria Martins e Editora Nacional, respectivamente. Foi por conta principalmente deste público ilustrado, do qual a família de Newton da Costa pertencia, que tais edições alcançaram suficiente popularidade; popularidade esta que impulsionou alguns editores brasileiros a se aventurar na tradução dessas obras para o português.

É desse contexto ilustrado, de um tio médico que “dedicou a vida inteirinha a estu-

dar Descartes” e de uma mãe leitora de Bertrand Russell, que Newton da Costa recebe a formação necessária para escrever sobre filosofia nos anos 1950, junto ao IBF, sem nenhum estudo universitário sobre o tema.

No fim dos anos 1940, quando Newton da Costa começa seus estudos em engenharia civil, pode-se observar que os cursos universitários de matemática, física e filosofia estavam organizados em vários estados brasileiros. No entanto, estas carreiras não eram tão atrativas quanto as engenharias ou o direito. Isto explica, em parte, porque muitos intelectuais, tal como Newton da Costa, começaram suas carreiras na engenharia e migraram posteriormente para a matemática ou a filosofia. É preciso ressaltar também que essa reconversão dos saberes entre tais áreas, ou essa onipresença figurada por Da Costa, é um indicativo de que as fronteiras

profissionais eram bastante fluidas, permitindo a entrada de não especialistas.

A combinação desta herança cultural familiar com as condições não profissionalizadas da matemática e da filosofia no Brasil permitirão um fenômeno bastante interessante na carreira de Newton da Costa. Ele irá participar simultaneamente das comunidades de matemática e filosofia durante os anos 1950. Enquanto participa de encontros nacionais de filosofia, publican-

do seus trabalhos nos Anais do Congresso Brasileiro de Filosofia e na Revista Brasileira de Filosofia, cooperando inclusive em seu comitê científico, Da Costa constrói um espaço na matemática, iniciando o curso de matemática em 1952 e participando ativamente de um grupo de estudos da lógica, na Universidade de São Paulo, organizado pelo professor Edson Farah, do qual participavam também os professores Benedito Castrucci e Mario Tourasse.

Ilustração 2

Mario Torasse, Edson Farah, Newton da Costa e Benedito Castrucci (1960). (fonte: Arquivos históricos CLE, UNICAMP)



Embora, nos anos 1960, Newton da Costa tornou-se conhecido por suas contribuições a lógica, principalmente por ter desenvolvido o cálculo proposicional das lógicas paraconsistentes, tal projeto intelectual estava longe de consolidar nos anos 1950. De fato, ele não demonstrava uma confiança

genuína na filosofia científica, marca dos intelectuais do Círculo de Viena:

Não podemos tratar, em detalhe, dos argumentos a favor da famosa tese vienense de que a filosofia é apenas sintax. Todavia, não há dúvida que a tese é bastante radical e de

árdua defesa. O próprio Carnap teve de modificar-la, nos últimos anos, para evitar restrições excessivas, dela decorrentes, quanto aos limites da perquirição filosófica.”⁹

Por outro lado, ele demonstra bastante empolgação a respeito de Bertrand Russell. Engajado na popularização de uma ciência pura, implicitamente nos estudos da lógica não necessariamente vinculada a questões de direta aplicação, Da Costa comenta: “Seria interessante recordarmos o conceito de matemática pura de Russell. Além disso, nada mais apropriado para evidenciar o atraso das concepções de certos “matemáticos” suburbanos ou de terceiro time”. Depois de apresentar as geometrias não euclidianas como exemplo de um processo bem sucedido das ciências puras, ele cita uma famosa frase de Russell, presente em *A Matemática e os Metafísicos*: “As matemáticas puras podem ser definidas como sendo a matemática na qual nunca saberemos de que estamos falando, nem se o que estamos falando é verdade.”¹⁰ Trata-se de uma crítica direta, da parte de Da Costa, às incursões de metafísicos na filosofia da matemática, posição defendida incisivamente pelos integrantes do Círculo de Viena. No manifesto do Círculo de Viena, publicado em 1929, encontramos:

The metaphysician and the theologian believe, thereby misunderstanding themselves, that their statements say something, or that they denote a state of affairs. Analysis, however, shows that these statements say nothing but merely express a certain mood and spirit. To express such feelings for life can be a significant task. But the proper medium for

doing so is art, for instance lyric poetry or music” (HAHN et al, 1973).

Contrariamente aos preceitos do Círculo, os primeiros trabalhos de Da Costa, seguem de perto a forte influência do kantianismo no Brasil. Isto pode ser observado na pequena nota “A natureza dos juízos matemáticos” por ele apresentada na Seção de Lógica e Filosofia da Ciência do “Congresso Internacional de Filosofia”. Organizado na cidade de São Paulo, em 1954, como parte das celebrações do quarto centenário de fundação da cidade pelo jurista Miguel Reale e o IBF, este encontro foi uma versão internacional de outros anteriores iniciados em 1950, com a criação do IBF.

A recepção de seus trabalhos entre lógicos e matemáticos foram reticentes senão conflituosas. Hugo Ribeiro, lógico matemático português, radicado nos Estados Unidos nos anos 1950, dedicou algumas de suas resenhas no *The Journal of Symbolic Logic* aos trabalhos de Newton da Costa, Leônidas Hegenberg, Leo Barsoti e Luís Washington Vita. De maneira geral, os trabalhos foram recebidos laconicamente, chegando Ribeiro a comentar, a respeito de uma versão ampliada da nota sobre os juízos matemáticos, que ele “não tinha encontrado [no texto] observações que fossem realmente novas.” (RIBEIRO, 1959). Em resposta a Ribeiro (DA COSTA, 1962), Da Costa irá retroceder, em parte, em relação ao conteúdo do trabalho: dirá apenas que o artigo publicado era apenas uma “tomada geral de posição”.

Sobre o mesmo texto, Omar Catunda, professor de matemática da Universidade de São Paulo, escreverá a Da Costa em carta, de maio de 1957¹¹:

9. Da Costa, Newton A. C., *O círculo de Viena e a filosofia*, Tapejara, 14 de janeiro de 1954.

10. Idem, *Ibidem*.

Agradecendo, e apreciando a clareza de sua exposição no trabalho citado, não me furto ao dever de dizer com franqueza que divirjo profundamente das idéias expostas [...] Como toda a ciência, a Matemática tem origem na experiência e na observação da realidade [...].

Oscilando entre matemáticos e filósofos, mas criticando aqueles que “no âmbito analítico, insiste [m] no emprego do verbalismo escolástico medieval; também dos que, no terreno matemático, deixam de levar na devida conta a lógica da técnica dedutiva e defendem teorias metodologicamente fossilizadas”¹², Da Costa comenta, pela primeira vez em 1958 em uma revista de matemática (DA COSTA, 1958), suas intenções de estudar lógicas que continham inconsistências.

O cálculo proposicional para os sistemas lógicos inconsistentes aparecerá somente nos anos 1960, como resultado das relações intelectuais que Da Costa estabelecerá com o logicista francês Marcel Guillaume (GUILLAUME, 2004). Em seu livro “Introdução aos Fundamentos da Matemática” (DA COSTA, 1962, p.3), publicado em 1962, ele proporá uma filosofia científica da matemática. Da Costa restringirá suas preocupações aos problemas “suscetíveis de serem traduzidos em termos matemáticos”:

A obra trata de fundamentos da matemática ou, noutras palavras, de filosofia da matemática. Porém, na verdade, procuramos considerar apenas problemas suscetíveis de serem equacionados em termos mais ou menos científicos e positivos. Assim, talvez fosse melhor dizer que faremos filosofia científica da matemática.” (DA COSTA, 1962, p.3).

Nesse sentido, o uso das ferramentas da teoria da linguagem agregarão uma distinção em seu trabalho, que não será somente filosofia, mas uma filosofia científica, bem aos moldes da “concepção científica do mundo” presente no manifesto do Círculo de Viena. No ano seguinte, Da Costa começa a publicar uma sequência de artigos na revista francesa *Compte Rendus de l'Academie de Science* que tornarão suas ideias conhecidas internacionalmente.

4 Um Círculo de Viena em Itapetininga

Embora Newton da Costa tenha encontrado uma forma ajustada para tratar suas questões filosóficas, do lado institucional as soluções estavam distantes. Em 1961, com a intenção de alcançar a posição de livre docente na Universidade do Paraná, aonde ele já era professor, Da Costa foi levado a apresentar um trabalho na área de análise matemática, embora toda sua experiência estivesse concentrada na Lógica e Filosofia da Matemática. Em entrevista, ele dirá que o tema “Espaços topológicos e Funções Contínuas” era um tema muito específico sobre o qual ele foi obrigado a trabalhar. Embora o hibridismo intelectual de Da Costa tenha permitido que ele construísse uma carreira intelectual internacional, essa estratégia parece ter sido inútil para viabilizar um espaço institucional que lhe possibilitasse a escolha do tema da sua livre docência. Capitais científicos nem sempre podem ser convertidos em capitais políticos, e vice-versa.

Enquanto seus manuscritos estão sendo publicados na França, uma enorme campanha nos jornais em favor da ciência nacio-

11. Acervo Newton Carneiro Affonso da Costa/ Arquivos Históricos em História da Ciência/CLE-Unicamp.

12. Da Costa, Newton. “A Evolução da Lógica I”, *O Estado do Paraná*, July 13, 1952. *Ibid*, “A Evolução da Lógica II”, *O Estado do Paraná*, July 20, 1952.

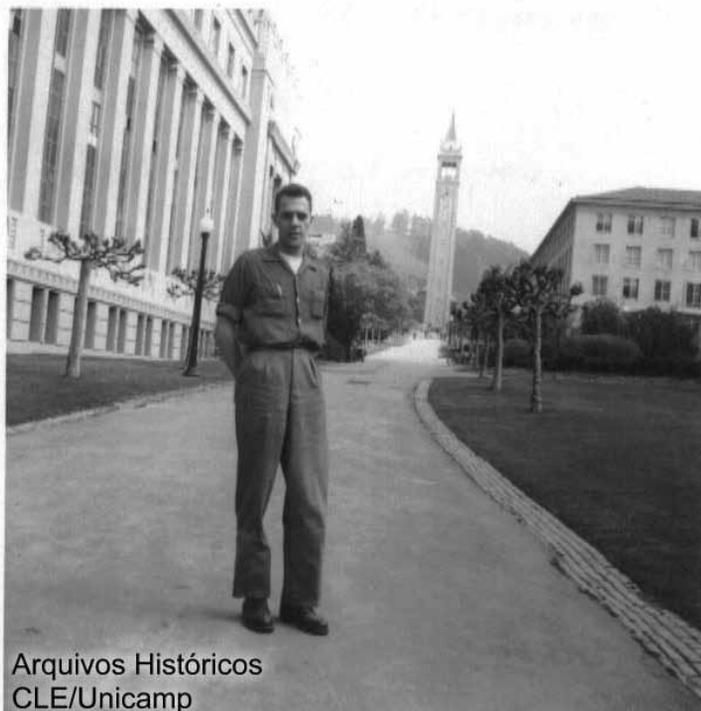
nal pode ser observada. Na nota “Pesquisa em Matemática” de 25 de Novembro de 1962, no Correio Paulistano, o jornalista escreve:

Embora pouca gente se dê conta disso, a Matemática Pura desempenha papel importantíssimo e de primeiro plano no processo de industrialização e consequente desenvolvimento tecnológico do mundo moderno. [...] A vinda dos mestres italianos, portanto, é que dá realmente início à nossa tradição de pesquisa matemática, contando já com nomes de nível internacional, como, por exemplo, os professores Leopoldo Nachbin, Maurício Peixoto, Paulo Ribenboim, Newton da Costa e tantos mais.¹³

A publicação dos primeiros artigos de Da Costa no *Compte Rendus*, a passagem de Marcel Guillaume, em 1964, por Curitiba

(GUILLAUME, 2004), e a formação de novos alunos, como foi o caso de Ayda Arruda, começa-se a vislumbrar a ideia da criação de um centro de pesquisas especializado em lógica no Brasil. É a partir do começo dos anos 60, que Leônidas Hegenberg e Newton da Costa começam a manter uma forte correspondência.

Leônidas Helmuth Baebler Hegenberg, filho de um engenheiro alemão, nasceu em Curitiba em 1925. Após duas tentativas de entrada nos cursos de engenharia da Escola Politécnica, Hegenberg postula uma vaga no curso de Matemática e Física na Universidade Mackenzie, onde inicia seus estudos universitários em 1947. Em 1950, começa a dar aulas no ITA. Mas, insatisfeito, ingressa no curso de filosofia, em 1955, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (MORAES, 2007).



13. Pesquisa em matemática, Correio Paulistano, 25 de novembro de 1962.

A ida de Hegenberg ao centro de lógica de Berkeley no começo dos anos 1960, onde Rudolf Carnap lecionava, o levou a investir na filosofia da matemática. Pouco depois de sua volta, ele recebe proposta para deixar o Instituto Tecnológico da Aeronáutica, o ITA, e formar uma nova faculdade na cidade de Itapetininga, interior de São Paulo. Lá, ele teria carta branca de seu diretor para contratação do corpo docente. Empolgado com a liberdade da escola que era “nova, sem vícios de origem”, Hegenberg vislumbra um centro de pesquisas que teria em seus quadros Newton Carneiro Affonso da Costa, Mário Tourasse e Benedito Castrucci, os dois últimos formados em matemática e professores universitários. Este centro seria para Hegenberg “o novo Círculo de Vienna em Itapetininga”.

Embora a proposta de um centro de estudos da lógica em Itapetininga não se consolidou, ela realça as estratégias e as posições que estes intelectuais, reunidos em torno dos estudos de Lógica e da Teoria da Ciência, praticaram e exerceram na formação do campo científico, nos anos 1960.

Depois de estagiar na França e publicar uma série de artigos no “Compte Rendus”, Da Costa submeteu uma tese de cátedra na Universidade do Paraná. Antes disso, ela já tinha considerado a hipótese de prestar concurso para uma vaga na Universidade de São Paulo em Teoria dos Números. Agora, um tema mais confortável foi possível: “Sistemas formais inconsistentes”. Os membros da banca – Cândido Lima, Edson Farah, Leo Barsotti, Bittencourt de Paula and

Zélia Milleo Pavão – ficaram bastante satisfeitos com o trabalho apresentado¹⁴ e, ao final do concurso, Newton da Costa comentou ao jornalista: “Tive muita felicidade com o concurso e espero que tal êxito represente uma nova era de estudos especializados para o ensino superior”¹⁵.

A esperança nos “estudos especializados” não se concretizou no Paraná para Newton da Costa. Apesar dos bons resultados no concurso, Da Costa se desentendeu com o diretor do instituto aonde ele lecionava. Em 1968, o encontramos na nova Universidade de Campinas, onde um grupo de lógica foi criado sob sua supervisão. Mas Campinas não era um paraíso. A saída de Curitiba em 67 era, na verdade, uma longa sequência de mudanças institucionais: Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação, em Campinas (1968), Instituto de Matemática e Estatística, em São Paulo (1970); Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em São Paulo, São Paulo (1982). Além de uma série de estágios no exterior.

É também em 1968 que Hegenberg defender sua tese “Mudanças de Linguagens formalizadas”. Na sua banca, estavam presentes o filósofo José Arthur Gianotti, os matemáticos Artibano Micali e Edison Farah, também seu orientador, e dos lógicos Newton da Costa e Andrés Raggio. Vale lembrar que Edson Farah, matemático de formação, foi o orientador “de fato” de Hegenberg, por conta principalmente do enfoque técnico do trabalho. Hegenberg dirá:

14. Jovem mestre de matemática concorre à cátedra na UP. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 02 de Junho, 1965.

15. “tive muita felicidade na realização do concurso e espero que tal êxito represente uma nova era de estudos especializados para o ensino superior”. In: Jovem mestre ganha cátedra e inicia nova era para a matemática. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 05 de Junho, 1965.

Isso era de esperar, porque (1) Cruz Costa não estava muito bem de saúde, tendo sido substituído, em suas várias atividades, por seu dileto e amado discípulo Giannotti; (2) meu trabalho tinha caráter formal, nada “simpático” aos olhos dos filósofos. Como dito na tese, Farah era meu “orientador” de fato, embora, talvez, não “de direito”. [Na verdade, foi nas aulas de Vaught, lá nos EUA que recolhi as idéias para elaborar o trabalho.] João Cruz Costa – que se havia aposentado ou estava prestes a aposentar-se – seria Presidente de minha banca examinadora. Sua saída levou Giannotti a ocupar seu lugar. Usualmente, o presidente da banca era o orientador. Dai o erro. Na verdade, G. nada sabia do que eu fazia e ocupou a presidência da banca por mero acaso, na condição de professor que passava a substituir Cruz Costa. (MORAES, 2007, p. 103).

Apesar do ecleticismo da banca, que poderia ser facilmente explicado nas condições da gênese dos estudos de lógica e teoria da ciência no Brasil, as palavras de Hegenberg sinalizam que, mesmo irmãos na teoria da linguagem e na abordagem “científica” das questões filosóficas, a linguagem empregada por lógicos, matemáticos e filósofos analíticos dava indícios de não ser mais comum, ela tinha conquistado tamanha especificidade que os problemas de estudo tornaram-se cada vez mais distintos nestes três espaços sociais.

REFERÊNCIAS

- CASALI, A. *Elite Intelectual e Restauração da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FABIANI, Jean Louis. *Les Philosophes de la République*. Paris : Ed. de Minuit, 1988.
- FERREIRA, Daniela Maria. *Filósofos à brasileira. Catolicismo e autonomia dos debates intelectuais*, Campinas (SP), Arte Escrita Editora, 2010.
- DA COSTA, Newton. Nota sobre o conceito de contradição. *Ann. Soc. Paraná Mat.*, 2a 1, 1958. p. 6-8.
- _____. Sobre a natureza dos julgamentos matemáticos. *Revista brasileira de filosofia*, vol. XII, 46, 1962a.
- _____. *Introdução aos fundamentos da matemática*. São Paulo: Globo, 1962b.
- GUILLAUME, Marcel. Da Costa 1964 Logical Seminar: Revisited Memories, *CLEe-Prints*, 4 (2), 2004, p. 1-52.
- HAHN, Hans. Neurath, Otto. CARNAP, Rudolf. *The Scientific Conception of the World: The Vienna Circle*. In: NEURATH, OTTO. *Empiricism and Sociology*. (ed. by M. Neurath and R.S. Cohen), Dordrecht: Reidel, 1973.
- MORAES, Carlos Roberto de. *Uma história da lógica no Brasil*, Tese de doutorado, Rio Claro: UNESP, 2007.
- NOBRE, Marcos e REGO, José Marcio *Conversas com Filósofos Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- NOIRIEL, Gérard. *Naissance du métier d'historien*. *Genèses*, n° 1, sept, 1990, p. 58-85.
- REALE, Miguel. *Anais do I Congresso Nacional de Filosofia*, São Paulo, 1950.
- RIBEIRO, Hugo. Resenha. *Journal of Symbolic Logic*, 1959.

SIQUEIRA, R. M. Purity and resentment in newspapers: the arrival of modern mathematics in Brazil. *Circumscribere* (PUCSP), v. 8, 2010, p. 36-44.

NOTA SOBRE OS AUTORES

Rogério Monteiro de Siqueira é professor do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da EACH-USP. Tem doutorado em Matemática pela UNICAMP (2006) e estágio pós-doutoral em História da Matemática (2008) pela Universidad de Sevilla, Espanha. Seus interesses de pesquisa compreendem a institucionalização e a profissionalização das ciências, a edição científica, e a circulação internacional de intelectuais e saberes.

Daniela Maria Ferreira é professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Possui Doutorado em Educação (2007) pela UNICAMP. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: profissionalização dos saberes acadêmicos, formação das elites intelectuais, cooperação internacional, capital militante, ensino superior no Brasil.

Recebido em: 10.12.11

Aprovado em: 23.03.12